

# A NECESSIDADE DA FILOSOFIA

Em homenagem ao Segundo Centenário do Nascimento de Victor Cousin (1792/1867)

ANTONIO PAIM

Doutor em Filosofia  
Diretor do Instituto de Humanidades

## RESUMO

O homem, na visão de Cousin, ao estabelecer o mundo da cultura, percorridas as etapas da ciência e da economia política, do direito e do Estado, das artes e do culto religioso, não se dá por satisfeito e descobre que pode considerar autonomamente o próprio pensamento para cogitar da verdade e da falsidade e também da reflexão em geral. Aqui a criação humana chega a seu limite superior. A Filosofia é o desenvolvimento completo do pensamento.

## ABSTRACT

The Need of  
Philosophy

*Having gone through the stages of science and political economy, of law and the state, of arts and religious cults, the man, who is establishing the world of culture, according to Cousin, is not content. He realizes that he can autonomously consider his own thought and search the truth, and falseness as well as reflection in general. At this point, he reaches his highest limit and philosophy is the full development of his thought.*

Na condição de país independente, o Brasil teve a felicidade de encontrar dois grandes mestres de filosofia: Silvestre Pinheiro Ferreira (1769/1846) e Victor Cousin (1792/1867). Silvestre Pinheiro Ferreira aqui viveu, no Rio de Janeiro, por mais de onze anos, de 1810 a 1821. Entre 1813 e 1820 ministrou um curso de filosofia - posteriormente publicado com o título de PRELEÇÕES FILOSÓFICAS, reeditado pelo IBF em 1970 - que deixaria marcas profundas no curso da meditação ulterior. Victor Cousin foi escolhido

como diretor espiritual por alguns brasileiros que viveram em Paris na década de trinta. Na condição de seus discípulos, realizaram no Brasil um movimento empolgante, instaurando no país o debate filosófico autêntico, editando livros e revistas, formando professores e participando ativamente da discussão teórica que então tinha lugar em parte da Europa. O papel das duas personalidades sobressai quando as confrontamos àqueles escolhidos por uma parcela das gerações futuras, ao abandonarem a investigação da natureza própria da filosofia para torná-la caudatária seja da religião seja da ciência.

Victor Cousin foi vítima de mesquinha disputa literária e acabou passando à posteridade como uma figura de segundo plano graças ao que escreveu Hyppolite Taine (1828/1898) em LES PHILOSOPHES CLASSIQUES DU XIX SIÈCLE EN FRANCE. A chamada GERAÇÃO DE SETENTA investiu furiosamente contra a Escola criada por seus discípulos no Brasil, sem reconhecer-lhe qualquer mérito, salvo Tobias Barreto (1839/1889) que, mesmo encampando as críticas, proclamava ter-lhe despertado o gosto pelos estudos filosóficos. Direi mais: foi o contato com aquela filosofia que permitiu a Tobias Barreto colocar-se acima da onda cientificista que então se abateu sobre a nação. Quando comemoramos o segundo centenário do nascimento de Cousin é tempo de buscar uma posição mais equilibrada.

Deve-se creditar a Cousin a difusão de uma noção enriquecedora da História da Filosofia. As bases dessa disciplina haviam sido lançadas no próprio século XIX,

sobretudo nos cursos ministrados por Hegel nas primeiras décadas. Mas estes somente seriam divulgados postumamente, a partir de notas tomadas pelos participantes, já que Hegel não os escrevera. De sorte que a idéia de que a História da Filosofia corresponde a um grande diálogo no tempo - novidade absoluta e descoberta de grandes consequências - está associada ao nome e à obra de Cousin.

A obra básica de Cousin intitula-se CURSO DE HISTÓRIA DA FILOSOFIA MODERNA, publicada em duas séries, a primeira concluída em 1841 (em 5 volumes) e a segunda entregue ao público em 1829 (em três volumes). Dava-se conta, entretanto, de que o mais importante seria ordenar e publicar os textos dos principais filósofos, em resultado do próprio entendimento que tinha da filosofia. Assim, ocupou-se diretamente do assunto e formou grupo expressivo que deu continuidade a esse trabalho. Cousin traduziu ao francês e editou os diálogos de Platão. Procedeu à primeira ordenação da obra de Aberlardo e de Pascal. Recolheu os dispersos e inéditos de Maine de Biran (1766/1824) - que foi o seu grande mestre e se considera tenha sido o maior filósofo francês do século XIX - e conseguiu editar quatro volumes. Mais tarde outros textos do grande pensador vieram a ser localizados, chegando a edição atual a compreender quatorze volumes. Mas o passo inicial foi dado por Victor Cousin, em 1841. Entre os seus discípulos que deram prosseguimento à atividade sobressaem B. Hauréau (1812/1896), que se ocupou da filosofia escolástica; Francisque

Bouillier (1813/1899), que se tornou um grande especialista no cartesianismo; Edouard Chaignet (1818/1901), que se dedicou a Aristóteles e à filosofia antiga; Charles de Remusat (1797/1875), que traduziu e editou os filósofos ingleses, aos quais dedicaria ainda a HISTOIRE DE LA PHILOSOPHIE EN ANGLATERRE, DEPUIS BACON JUSQU'À LOCKE; Adolphe Franck (1809/1893), que, entre outras coisas, foi um dos redatores do DICTIONNAIRE DES SCIENCES PHILOSOPHIQUES (em 6 volumes, aparecidos entre 1844 e 1852) e ainda Paul Janet (1823/1899), que, além de haver dado prosseguimento à investigação dos grandes temas da Escola de Cousin, traduziu ao francês e editou a obra completa de Leibniz. De sorte que a História da Filosofia muito deve a Victor Cousin e, conforme teria oportunidade de referir o conhecido neokantiano francês Victor Brochard (1848/1907), tão somente pelo que fez nessa matéria e em prol da transformação da Universidade francesa numa instituição dotada do verdadeiro espírito liberal - isto é, como uma instituição plural, aberta, ao invés de caudatária da escolástica ou do cientificismo - conquistou um lugar de honra entre os grandes pensadores do século XIX.

Quero deter-me aqui na demonstração que Cousin efetivou da necessidade da filosofia, ou melhor, do papel intransferível e indispensável que lhe incumbe representar. Essa demonstração encontra-se nas lições que pronunciou em 1828, ao reassumir a cátedra de que fora afastado oito anos antes. Cousin estava ligado ao grupo do chamado liberalismo doutrinário que Ubiratan Macedo tão brilhantemente caracterizou no ensaio com esse mesmo título incluído na coletânea EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO LIBERALISMO (Itatiaia, 1987). Com a derrubada de Napoleão, chegam ao poder os

ULTRAS, facção empenhada na restauração do quadro anterior à Revolução. Entre suas primeiras vítimas encontram-se os liberais doutrinários. Estes, entretanto, acabariam sendo guindados ao poder com o movimento revolucionário de 1831, sob a liderança de François Guizot (1787/1874). Nesse período Cousin ascende à condição de Ministro da Instrução Pública e empreende a reforma da Universidade, conseguindo soerguê-la da situação de desprestígio em que se encontrava. Mas voltou às suas lições de 1828 (publicadas como INTRODUCTION À L'HISTOIRE DE LA PHILOSOPHIE, incluída na primeira daquelas séries, que se publica a partir de 1841, conforme indicados). Fez-se edição parcial desse curso com a denominação de NECESSIDADE DA FILOSOFIA (tradução espanhola, Buenos Aires, ed. Espassa-Calpe, com duas edições no ano de 1947 e outras subsequentes).

Cousin parte da apresentação da sua hipótese relativa à história da filosofia, proclamando desde logo "que muitas pessoas estão inclinadas a não admiti-la". Formula-a do seguinte modo: "A história dos problemas e das escolas filosóficas não é um registro de imaginações arbitrarias;... a filosofia não é o produto de uma vã fantasia mas o necessário desenvolvimento de uma necessidade real do pensamento. Não seria a história da filosofia outra coisa senão a tradição de quimeras nascidas de alguns homens geniais, popularizadas e propagadas pelo mundo e mantidas pela autoridade de seu exemplo, ou é, pelo contrário, uma filha legítima da humanidade? Pertence unicamente a Platão e Aristóteles, ou ao próprio espírito humano? É um capricho e um luxo do pensamento, ou se funda na natureza comum do homem, merecendo portanto um lugar na hierarquia dos

conhecimentos e sendo sua história algo sério e fundado?" Esta questão a responderá de modo claro e convincente, como veremos.

O primeiro patamar da relação do homem com o mundo será construído a partir da consciência de que se encontra num ambiente hostil e desfavorável. Para não sucumbir diante dele, dispõe de dois atributos: a inteligência e a liberdade. Prossegue: "Não se sustenta, não vive, não respira dois minutos seguidos senão sob a condição de prever; isto é, sob a condição de ter conhecido essas leis e esses fenômenos que romperiam sua frágil existência, se não aprendesse pouco a pouco a observá-las, a medir seu alcance e calcular seu retorno.

Com sua inteligência sucessivamente desenvolvida e dirigida, toma conhecimento deste mundo; com sua liberdade, modifica-o, transforma-o e o refaz para seu uso. Detem os desertos; cruza os rios, ultrapassa as montanhas; numa palavra, no suceder dos séculos realiza toda uma série de prodígios, que hoje nos comovem muito pouco em virtude do sentimento e do reiterado costume de nosso poder e de seus efeitos. O primeiro que na menor distância de seu corpo mediu o espaço que o rodeava, contou os objetos que se lhe apresentavam, observou suas propriedades e sua ação, esse alguém criou e deu ao mundo as ciências matemáticas e físicas. Quem modificou, no menor grau possível, o obstáculo com que se defrontava, criou a indústria. Multiplicai os séculos, fecundai esse débil germen mediante os trabalhos acumulados pelas gerações, e tereis quanto hoje existe. As ciências matemáticas e físicas são uma conquista da inteligência humana sobre os segredos da natureza; a indústria é uma conquista da liberdade sobre as forças dessa mesma natureza. O

mundo, tal como o homem o encontrou, lhe era estranho; o mundo tal como o fez as ciências matemáticas e físicas e, em continuidade, a indústria, é um mundo semelhante ao homem, feito por ele à sua imagem e semelhança".

Costuma-se dizer que Nietzsche é que teria chamado a atenção para os valores. Mas veja-se o que diz Cousin a propósito da ação do homem sobre a natureza: "A natureza nada produziu além de coisas, isto é, seres sem valor; o homem metamorfoseou as coisas e, dando-lhes sua forma, ao menos nelas colocou a marca de sua personalidade, elevou-as a simulacros de liberdade e de inteligência e, com isto, comunicou-lhes uma parte do valor que nele reside. O mundo primitivo outra coisa não é que uma base, matéria para o trabalho do homem: todo o valor primeiro que a análise pode deixar-lhe reside na possibilidade de que o homem o use. Este é seu mais nobre destino, assim como o destino do homem (entende-se que na relação com o mundo) consiste em assimilar o mais rapidamente possível essa natureza, transformá-la, nela depositando a inteligência e a liberdade de que está dotado e fazendo-a brilhar cada vez mais".

De modo que no empenho transformador da natureza o homem criou as ciências matemáticas e físicas, do mesmo modo que a indústria, aqui entendida como toda espécie de atividade produtiva, incluída a agricultura, e não apenas a indústria propriamente dita. Para conhecer melhor o funcionamento desta última erigiu uma disciplina especial: a ECONOMIA POLÍTICA. Tenha-se presente que essa expressão, usual no tempo de Cousin e mesmo em nosso século, acabaria abandonada. Trata-se da ciência econômica.

Nessa altura da exposição, Cousin

avança um conceito geral sob o qual irá submeter todo o conjunto descrito. Trata-se do conceito de UTIL. Diz o seguinte: "A matemática e a física, a indústria e a economia têm um único e mesmo objeto: o útil". E continua: "A questão se transforma na seguinte: é o útil a única necessidade da natureza humana, a única idéia à qual se referem todas as idéias da inteligência, o único aspecto sob o qual considera o homem todas as coisas, o único caráter que nelas reconhece?"

Responde negativamente. Além de úteis ou prejudiciais, as relações dos homens apresentam um outro caráter: o de serem justas ou injustas.

Cousin acha que a idéia de justo é uma das glórias do homem. E acrescenta: "O homem a percebe em princípio, mas só a percebe como um raio na noite profunda das paixões primitivas; a vê violada sem cessar, abandonada a todo momento pela necessária desordem das paixões e dos interesses existentes. Aquilo que se convencionou chamar de sociedade natural não é mais que um estado de guerra onde reina o direito do mais forte e a idéia de justiça somente aparece para ser pisoteada pela paixão. Mas, no final de contas, também esta idéia comove ao espírito humano; e de tal modo corresponde ao mais íntimo do seu ser que, pouco a pouco, chega a tornar-se imperiosa necessidade a sua realização; e assim como antes havia formado uma natureza nova baseada na idéia do útil, agora, em lugar da sociedade primitiva, onde tudo estava confundido, cria uma sociedade nova sob a égide de uma única idéia, a da Justiça".

Cousin tem uma visão otimista em relação ao Estado, talvez sob influência de Hegel que o considerava como o ser moral por excelência. Trata-se naturalmente de uma conceituação equivocada e ingênua. O Estado é um polo de

interesses que se contrapõe aos demais ao invés de conciliá-los e integrá-los, como supunham Hegel e seus seguidores. De todos os modos, trata-se, em Cousin, do Estado Liberal de Direito. Afirma: "O único direito legal é o de ser respeitado no exercício pacífico da liberdade; o único dever (entenda-se, na ordem civil) é o de respeitar a liberdade dos demais. A justiça não é mais que isto; a justiça é a manutenção da recíproca liberdade. Portanto, o Estado não limita a liberdade, segundo se diz; a desenvolve e a assegura". Cousin enfatiza também a idéia de igualdade jurídica.

De sorte que sob a égide da idéia da Justiça, o homem cria a sociedade civil. A ordem legal e o mundo político, insiste Cousin, no que se refere às relações dos homens entre si, é uma invenção do gênio da humanidade, "mais maravilhosa ainda que o mundo atual da indústria com relação ao mundo primitivo da natureza".

Mas o espírito humano não se dá por satisfeito e irá criar um novo mundo de formas, a partir da idéia de belo.

Escreve Cousin: "Depois de haver renovado a natureza e a sociedade primitiva mediante a indústria e as leis, refaz os objetos que lhe deram a idéia de belo mediante esta mesma idéia, e os refaz mais belos ainda. Em lugar de deter-se na contemplação estéril do ideal, cria mediante este ideal uma natureza nova que reflete de maneira muito mais transparente que a natureza primitiva. A beleza da arte é superior à beleza natural com toda a superioridade do homem sobre a natureza. E não deve dizer-se que esta beleza seja uma quimera, pois a mais alta verdade está no pensamento; o que reflete melhor o pensamento é o mais verdadeiro, e as obras de arte são por isto muito mais verdadeiras que as da natureza. O mundo da arte é tão verdadeiro como o mundo político e o mundo da indústria. Como os

outros dois, é obra da inteligência e da liberdade do homem, trabalhando umas vezes sobre uma natureza rebelde e sobre paixões desenfreadas, outras sobre belezas grosseiras".

Mas a humanidade, diz Cousin, não se dá por satisfeita no caminho que empreende para estabelecer o mundo da cultura e dará novos passos. Não se contenta em refazer a natureza à sua imagem, identificando suas leis e dominando-as, em colocar a sociedade sob as regras do justo nem com as maravilhas da arte com que deleita sua vida. Prossegue: "Seu pensamento se lança além deste mundo que embeleza e ordena; o homem, todo poderoso, concebe e não pode deixar de conceber uma potência superior à sua e à da natureza, uma potência que sem dúvida somente se manifesta por suas obras, isto é, pela natureza e pela humanidade, que somente se contempla em suas obras, que somente se concebe em relação com elas, mas sempre com a reserva da superioridade da essência e da

absoluta onipotência. Encarcerado nos limites do mundo, o homem não vê senão através deste mundo e sob as formas deste mundo; mas através dessas formas e sob essas mesmas formas, supõe de modo irresistível algo que é para ele a substância, a causa e modelo de todas as forças e perfeições que percebe em si mesmo e no mundo. Numa palavra, além do mundo da indústria, do mundo político e do mundo da arte, o homem concebe a Deus. O Deus da humanidade não está separado do mundo nem concentrado nele. Deus sem mundo seria para o homem como inexistente; um mundo sem Deus é um enigma incompreensível a seu pensamento e um peso obscurecedor sobre o seu coração".

Essa intuição de Deus seria a religião natural. A idéia de religião

natural foi muito popular no século XVIII e até mesmo no tempo de Cousin, como suporte das religiões imperfeitas e em disputa, criadas pelo homem. Admitindo essa idéia, Cousin entretanto não a coloca nas alturas, a exemplo de seus antecessores. Toma-a como correlato da natureza, a partir da qual o homem cria a ciência e a indústria, ou a beleza natural que toma como referência para criar a arte. Na sua visão, o que há de especificamente humano é o culto. Escreve: "O mundo da religião ...é o culto. Em verdade, seria um sentimento religioso muito impotente o que se detivesse numa contemplação rara, vaga e estéril. Está na essência do poderoso desenvolver-se e realizar-se. O culto, pois é, o desenvolvimento, a realização do sentimento religioso e não sua limitação. O culto está para a religião natural do mesmo modo que a arte para a beleza natural, o Estado para a sociedade primitiva, o mundo da indústria para o mundo da natureza. O triunfo da intuição religiosa encontra-se na criação do culto, como o triunfo da idéia do belo está na criação da arte, como o da idéia do justo acha-se na criação do Estado".

Sob que condição pode o culto recordar a Deus de modo eficaz? Eis a resposta de Cousin: apresentando a forma exterior da obscura relação de Deus com a humanidade, isto é, recorrendo a imagens e símbolos. Acrescenta: "A fé se vincula aos símbolos; contempla neles o que neles não está, ou pelo menos aquilo que é sobretudo maneira indireta e periférica de mostrá-lo. Nisto precisamente estriba a grandeza da fé, em reconhecer a Deus no que visivelmente não o contém".

Enxerga nos seguintes elementos a superioridade do culto: 1ª) Seu destino consiste em atrair Deus ao Homem, enquanto que a natureza exterior, afora no caso da sua relação com Deus, dispõem de

muitos outros elementos que, sem cessar, o distraem daquela visão; 2ª) É infinitamente mais claro, como representação das coisas divinas; e, 3ª) É permanente, enquanto que em cada instante e a nossas inquietas miradas o caráter divino do mundo debilita-se ou por completo desaparece. Conclui deste modo: "O culto, por sua especificidade, sua clareza e sua permanência, recorda a Deus de modo muito superior do que o faz o mundo. Esta é uma vitória sobre a vida vulgar, e mais alta ainda que aquelas vitórias da indústria, do Estado e da arte".

O homem, pois, na visão de Cousin, percorrendo as etapas da ciência e da economia política, do direito e do Estado, das artes e do culto religioso, não se dá ainda por satisfeito e descobre que pode considerar autonomamente o próprio pensamento para cogitar da verdade e da falsidade e também da reflexão em geral. A forma natural do pensamento são as idéias, razão pela qual o pensamento só se compreende tomando a si mesmo como objeto, isto é, as idéias. Aqui efetivamente a criação humana chega ao seu limite superior.

A filosofia é o desenvolvimento completo do pensamento. Certamente que há boas e más filosofias, como existem cultos extravagantes, obras de arte e Estados defeituosos ou péssimos sistemas produtivos e ciências físicas indignas do nome. Mas a filosofia como filosofia é um resultado necessário do próprio gênio da humanidade e do pleno desenvolvimento das faculdades de que está dotada.

As idéias são o único objeto adequado à filosofia. É equivocada a suposição de que as idéias auferem seu prestígio do fato de que de alguma maneira estiveram relacionadas às representações do mundo real. As idéias somente representam a si mesmas; valem por si mesmas, têm um único

caráter: o de ser inteligíveis. "A filosofia - afirma Cousin - é o culto das idéias e só das idéias. É a última vitória do pensamento sobre toda forma e elemento estranho; é o mais alto grau de liberdade e da inteligência. A indústria significava já uma liberação da natureza; o Estado, uma liberação maior; a arte, um novo progresso; a religião um progresso muito mais sublime; a filosofia é a última liberação, o último progresso do pensamento".

A filosofia tem o seu plano próprio, como a ciência, a religião ou a moral. Essa idéia brilhante que nos foi ensinada tanto por Silvestre Pinheiro Ferreira como por Victor Cousin iria perder-se adiante. Os positivistas tratariam de subordiná-la à ciência, do mesmo modo que os tomistas queriam tê-la como caudatária da religião. Cousin de antemão já havia respondido a tais propostas equivocadas. A força da religião reside no mistério e na fé. Torná-la dependente do esclarecimento racional é amesquinhá-la. Ensina Cousin: "A religião se vincula a seus objetos mediante a fé; é a fé que a provoca; é na direção da fé que se dirige; é o mérito da fé o que quer obter da humanidade; e, com efeito, é um mérito, uma virtude da humanidade poder crer no que não vê mas que ela (fé) vê". Na maneira compartimentada como a cultura ocidental recebeu a herança grega, supôs-se uma incompatibilidade entre racionalidade e mistério. A pessoa humana, vista como uma totalidade, não pode prescindir de qualquer de suas dimensões.

A filosofia tem um objeto próprio que não lhe pode ser arrebatado. Eis como argumenta Cousin: "Sem dúvida, as idéias são obscuras aos sentidos, à imaginação, à alma. Os sentidos só vêm os objetos exteriores a que se dirigem; a imaginação necessita representações; a alma, sentimentos. Porém, se toda luz

aparente está aqui, só há evidência nela sob a condição de que no interior do pensamento haja outra evidência que garanta a primeira. Só que neste caso a evidência interior é débil, não chega a ter consciência de si mesma, enquanto que a evidência filosófica, que nasce da reflexão, é e se sabe como a última evidência, como a única autoridade. A filosofia, pois, é a luz de todas as luzes, a autoridade das autoridades. Com efeito, quem queira impor à filosofia e ao pensamento uma autoridade superior está supondo uma das alternativas seguintes: que o pensamento não compreenda aquela autoridade, e então é para ela como se não existisse; ou a compreende, faz-se uma idéia dela, a aceita a esse título e, então, é ela mesma que se toma por medida, por regra, por autoridade última".

A supremacia da filosofia, adverte Cousin, não deve ser entendida como um receituário de fórmulas. Ao contrário, está sempre aberta a novos enriquecimentos. Esta a grande lição que soube tirar e transmitir do exame da história da filosofia. Tenha-se presente que esta era uma disciplina muito recente. Martial Geroult (*La légitimité de l'histoire de la philosophie* IN *LA PHILOSOPHIE DE L'HISTOIRE DE LA PHILOSOPHIE*, Paris, Vrin, 1956) afirma que o fundador da historiografia filosófica moderna é Jacob Brucker, que publicou *HISTORIA CRITICA PHILOSOPHIAE*, em Leipzig, entre 1742 e 1744. Na *INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA*, Hegel a comenta do mesmo modo que a dos autores que lhe seguiram imediatamente. Faltava-lhes o entendimento de que não consiste pura e simplesmente na apresentação da doutrina de nossa preferência mas na busca da lógica interna de seu desenvolvimento. Essa idéia apareceria na Alemanha, ainda no próprio século XVIII,

sobretudo graças ao contato com o pensamento de Giambattista Vico (1668/1744) e à ação do grupo que se formou em torno de Johann Gottfried Herder (1744/1803), coroada pela doutrina de Hegel. Victor Cousin adquiriu grande familiaridade com essa evolução do pensamento alemão e manteve relações pessoais com Hegel, tendo tido oportunidade de visitá-lo na Alemanha. De sorte que não só participou ativamente em sua elaboração como contribuiu para difundí-la.

Hegel e Cousin não deram uma solução definitiva à historiografia filosófica desde que, embora conscientes do significado dos PROBLEMAS, estavam presos à idéia de SISTEMA e não souberam como dar-lhe acabamento final. Hegel insinua que a sua própria doutrina seria uma espécie de FIM DA FILOSOFIA, na acepção de direção, sentido e não pura e simplesmente de conclusão e fechamento. Cousin não chegou a tanto mas supôs que haveria uma certa circularidade e repetição. Somente em nosso tempo, com a ênfase nos problemas, é que se alcançaria a compreensão de que estes é que constituem o cerne da filosofia e a garantia do seu sucessivo desabrochar. Ao enunciá-lo não podemos deixar de enfatizar que, ao contrário de contribuir para minimizar o significado da elaboração de Cousin somente a enaltece e aponta no sentido da sua perene atualidade. Temos em vista esta idéia que Cousin transmitiu aos primeiros filósofos brasileiros e que tão apropriadamente a assimilaram, a saber: O ESPÍRITO HUMANO É PERFECTÍVEL AO INFINITO.